



RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA: ESPAÇO, MEMÓRIA E ESTÉTICA DE UM TAMBOR DE MINA NO MUNICÍPIO DE PAÇO DO LUMIAR – MA

Nordman André Oliveira
Universidade Federal do Maranhão - UFMA (Brasil)
Endereço eletrônico: nordman.andre@discente.ufma.br

Larissa Lacerda Menendez
Universidade Federal do Maranhão – UFMA (Brasil)
Endereço eletrônico: larissa.menendez@ufma.br

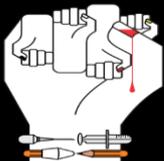
2700

INTRODUÇÃO

O universo da religiosidade afro-brasileira implica saber sobre uma esfera simbólica dinâmica em que a representação do mundo está sendo classificado a partir da relação e apreensão social (MAUSS, 2005), observando a relevância do pensamento mágico, o culto às entidades em que há um sistema referencial (LÉVI-STRAUSS, 1996). As suas várias obrigações para com as entidades de devoção como uma noção moral da dádiva e da fortuna em paralelo com os atos sacrificiais (MAUSS, 2003).

No Maranhão, a religiosidade africana é alvo de muitos estudos como os de M. FERRETTI (1984; 1993; 2001) e S. FERRETTI (2009, 2013), pesquisadores que foram guias de nossa formação. Com base nos autores citados, além de outros referenciais que se debruçam ao tema e nas notas etnográficas realizadas em vários momentos durante a graduação, buscamos por meio deste estudo, aprofundar e ampliar a pesquisa que culminou no trabalho de conclusão de curso intitulado de *Tratamentos e curas nas práticas rituais de matriz africana: notas etnográficas sobre a sabedoria e o conhecimento de encantados*, em 2019, no qual discorreremos sobre tratamentos, saberes populares e curas nas práticas rituais da religiosidade.

Nossa pesquisa se coloca no universo simbólico do Tambor de Mina. A religiosidade oferece a possibilidade de adentrarmos em um espaço de memória coletiva (HALBWACHS, 1990) já que ela apresenta datas, rituais, tradição e regras de interação que faz sobejar para além de seus limites de sua propriedade de culto. Essa memória coletiva da Mina está inserida de forma hierárquica e de classificação, permitindo, como reforçado por seus participantes, uma religiosidade de pertencimento e identidade.



Muitas são as regras dentro da religiosidade e sua capacidade de ordenação pode passar despercebida diante do espetáculo de culto. Onde colocar o altar? Qual dia a ser celebrado para tal entidade? Suas cores? Quem é o dono da cabeça do devoto? Como identificar os símbolos ocultos de poder que circula ou não circula, mas que, como bem define Goldelier (2001), exerce uma força sobre aqueles que a praticam? Essas são questões que norteiam o estudo que tem como objetivo geral compreender a dinâmica de um Terreiro de Mina como lugar de espaço memória e de devoção que apresenta uma estética própria. E como objetivos específicos, foram definidos: a) realizar levantamento bibliográfico da religiosidade como espaço memória dentro de um entendimento de memória coletiva; b) identificar, por meio de notas etnográficas, os principais aspectos simbólicos e, estético da indumentária dentro do seu calendário religioso e c) produzir estudos e elementos da religiosidade afro brasileira e sua identidade que contribuam para o fortalecimento da Lei nº 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade da temática do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas redes de ensino.

2701

Buscaremos observar a dinâmica do Terreiro a partir da vivência e das experiências dos participantes nas práticas de culto de seu calendário anual sob a ótica de autores que dialogam com espaço memória, memória oral e memória coletiva que por sua força e interação desse coletivo faz expressar em uma forma estética de devoção entre o sagrado e o profano que abrange: suas indumentárias, música, imagens, dança (SILVA, 2008).

O suporte teórico desta pesquisa ampara-se em referenciais como Lévi-Strauss (1996) que em sua obra *Antropologia Estrutural nos* permite identificar as conexões da psicanálise e o complexo xamânico. Em Mauss (2003) evidenciaremos o conceito de magia fazendo paralelos e diferenças com a religião. Com Nora (1993) traçaremos as interlocuções a respeito de memória e história. Pollak (1989) nos apresenta, não somente uma perspectiva de uma memória individual, mas de uma memória, uma construção coletiva.

METODOLOGIA

O Terreiro em estudo está localizado no município de Paço do Lumiar no estado do Maranhão e advém de casas tradicionais de culto. A pesquisa tem abordagem qualitativa, caracterizada como trabalho de campo de natureza etnográfica a ser



realizada por meio da observação participante. Sobre a etnografia, Malinowski (1978) além da sua nova base da Antropologia e com sua grande inovação da prática da observação participante leva em conta que a realidade está colocada de forma simultânea pelo equipamento material, organização social e o simbolismo. Este pesquisador coloca que para um trabalho etnográfico devem ser levantados três pontos: convivência, constância e atenção. No seu mais famoso estudo sobre os trobriandeses coloca em evidência, e sem qualquer intercâmbio, ideias, crenças e sentimentos de uma cultura.

A religiosidade pesquisada opera em uma dinâmica anual de rituais e obrigações para com o seu panteão de entidades cultuadas, no qual nos propomos acompanhar diretamente. O trabalho de campo buscará ser colocado em prática quanto ao: 1) *estranhamento* diante de um fato; 2) a *esquematisação*, construindo um quadro sinóptico ou mesmo o seu diário de campo; 3) *desconstrução*, deixar de lado os pressupostos do senso comum; 4) *comparação* que busca estudos da antropologia e da sociologia, permitindo aprofundar o objeto analisado e 5) no *modelo alternativo*, pelo estudo em antropologia das cidades e revelar as mais variadas hipóteses (FONSECA, 1998).

Faremos uso de entrevistas semiestruturadas ou perguntas abertas - não estruturadas com os agentes envolvidos. Nesse intento, devemos levar em consideração as análises de Pierre Bourdieu (2008) para uma comunicação não violenta, sendo feita sem imposição arbitrária para com o outro, tentando estabelecer uma relação mais próxima. Devemos fazer uso de uma *reflexividade reflexa* que Bourdieu (2008) coloca como sendo um método a fim de alcançar no trabalho sociológico os efeitos teóricos, permitindo “perceber e controlar no campo, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza” (BOURDIEU, 2008, p. 694). Usaremos caderno de campo, gravadores e fotografias digitais feitas com aparelhos celulares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observar um terreiro de religiosidade de matriz africana é sempre de (re) descobrimento. Adentrando em um salão (ou guma) temos vários elementos que se comunicam, seja sobre a origem da casa e sua filiação (nagô, jejê), se há sincretismo ou se é somente candomblé. São particularidades: um quadro de arte naif que representa uma índia em uma canoa; duas espadas cruzadas abaixo da parta principal do salão,



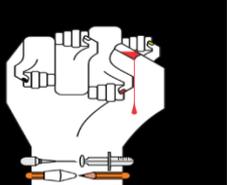
acompanhadas de chifres de animais e estrelas do mar e bem ao centro abaixo destes elementos, uma urna fechada; do lado oposta a pintura da índia temos uma representação em miniatura de uma nau portuguesa em madeira, ou mesmo um minimalismo universal de uma vela grande abaixo do altar principal, este acaba sendo capturado e também sofre modificações quando necessário, para iluminar a representação do santo cultuado no momento – São Jorge, São Lazaro, Cosme e Damião etc. Ricos elementos de adorno para um salão, resta-lhe dar cor. Em dia específico tudo pode mudar: azul e vermelho para Ogum, ou vermelho verde e amarelo para representar alguma entidade turca.

O azo acima requer maior descrição e cuidados, fatos que serão analisados no transcorrer da pesquisa, pelo simples fato de englobarem representações simbólicas mais elaboradas ou mesmo por ser da esfera do indizível e que é percorrido durante todo o ano pelo calendário de festas, obrigações e homenagens a voduns, orixás e caboclos. Aspectos que ressaltam a cultura africana e dos povos originários.

Em cada manifestação de devoção e de obrigação para com a entidade cultuada segue-se um ordenamento e percebido nas cores e formas das roupas e uso de bengalas e suas guias. Tudo se alterna e se espraia por todo o canto, e por todos do terreiro e em cada festividade. Podendo, como os elementos acima exemplificados, serem explícitos ou mesmo ocultos como o caso dos movimentos corporais, amarração quando a entidade baixa no cavalo de santo, os assentamentos (objetos sagrados que foram enterrados no chão do terreiro) ou a própria entidade que ocupa a cabeça do devoto e sua formação.

Em entrevista a Abreu (2018) S. Ferretti, discorrendo sobre o cenário atual das religiões afro maranhense, afirma que dos anos de 1970 aos dias atuais houve muitas mudanças no tambor de mina provocado pela morte dos mais velhos. Assim, nas casas outrora chefiadas por mulheres, nota-se a entrada dos mais jovens do sexo masculino, o que levou a transformações nas estruturas das casas de mina que foram se alterando e assimilando elementos, por exemplo, da Umbanda e do Candomblé.

Sérgio Ferretti descreve em sua etnografia da Casa das Minas, que “as vestimentas rituais, por exemplo, eram simples, mais humildes, agora são mais luxuosas” (ABREU, 2018, p.189), a simplicidade se justifica pela condição financeira. A Festa do Divino Espírito Santo atrelada ao catolicismo popular atrai um público católico de poder aquisitivo mais elevado que acaba ajudando na manutenção e



imponência das festas bem como no capital social que essas casas adquirem no campo religioso.

CONCLUSÃO

O estudo sobre a religiosidade afro-brasileira: espaço, memória e estética de um tambor de mina no município de Paço do Lumiar – MA que tem como objetivo compreender a dinâmica de um Terreiro de Mina como lugar de espaço memória e de devoção que apresenta uma estética própria, encontra-se em andamento com realização do levantamento e estudo dos referenciais bibliográficos e realização das visitas em campo para registros de notas etnográficas no Terreiro de Mina, *locus* da pesquisa.

A pretensão do material científico produzido com a pesquisa é contribuir para a ampliação dos debates acerca da temática, proporcionando ao leitor maior entendimento sobre o universo simbólico da religiosidade afro-brasileira, bem como produzir elementos sobre esta religiosidade que possa ser discutida nos espaços educativos tendo em vista a implementação da Lei nº 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade da temática do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. Esperamos ainda, que as inconclusões decorrentes do estudo possam contribuir para novas inquietações e novas pesquisas, a fim de mantermos vivo este espaço de memória coletiva, de fé, de tradição e de simbolismos presentes na religiosidade afro-brasileira.

PALAVRAS- CHAVE: Religiosidade Afro-Brasileira. Memória. Estética.

REFERÊNCIAS

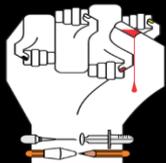
ABREU, Marilande Martins. **Um olhar sobre a tradição:** relacionando campo religioso e campo intelectual. São Luís: EDUFMA, 2009.

FERRETTI, Mundicarmo. **Religião afro-brasileira como resposta às aflições.** São Luís: EDUFMA, 1984.

_____. **Desceu na guma:** o cabloco no tambor de mina em um terreiro de São Luís. a Casa Fanti-Ashanti. São Luís: EDUFMA, 1993.

_____. **Encantaria de Barba Soeira.** São Paulo: Siciliano, 2001.

FERRETTI, Sergio. **Querebentã de Zomadônu:** etnografia da casa das Minas do Maranhão. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.



_____. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: Edusp; Arché Editora, 2013.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. In: **Reunião anual da ANPEd**. Caxambu, setembro de 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vertice, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: Ed. Gallimard, 1993.

POLLOK, Michael. **Estudos históricos**. vol. 2, nº3, p.3-15. Rio de Janeiro: 1989.

SILVA, Vagner G. da. **O antropólogo e sua magia**. São Paulo: Edusp, 2015.

2705

Realização:



Apoio:

